[NOTAS]

PÁGINA22 EM *TABLET* E *SMARTPHONE*
Todo o conteúdo da revista impressa e do site pode ser lido por meio de *tablets* e *smartphones*. Confira a nossa versão *mobile* em fgv.br/ces/pagina22.

PEGADA ECOLÓGICA

O (previsível) **super-rastro** dos paulistas

A pegada ecológica de Campo Grande, capital de Mato Grosso do Sul, foi calculada em 3,14 hectares globais por pessoa no estudo concluído em abril de 2011 pelo WWF e seus parceiros no projeto, incluindo a prefeitura da cidade. Foi superior à pegada média do Brasil, de 2,9 hectares, tendo como um de seus principais vetores o elevado consumo de carne bovina na capital sul-mato-grossense. Pegadas muito mais robustas deverão ser anunciadas na Rio+20 pelo Estado e a cidade de São Paulo. No mês passado, governo e prefeitura de São Paulo assinaram convênio com o WWF para medir em tempo recorde o rastro humano nos recursos naturais da região economicamente mais poderosa do País.



"É possível que São Paulo seja o Estado brasileiro com a maior pegada ecológica, dada sua pujança econômica. Seria muito bom que o governo paulista e a prefeitura assumissem a pegada como um indicador importante em suas políticas de desenvolvimento", observa Michael Becker, responsável pelo tema no WWF. Mais uma vez o estudo será realizado pela empresa social Ecossistemas, credenciada pela Global Footprint Network (GFN) para calcular a pegada ecológica no Brasil.

A pegada ecológica de um país, Estado, cidade ou pessoa corresponde ao tamanho das áreas produtivas terrestres e marinhas necessárias para sustentar determinado estilo de vida. Em outras palavras, mede a quantidade de hectares necessária para fornecer recursos naturais renováveis empregados na produção de alimentos, roupa, papel, madeira, energia e habitações. No cálculo, também estão englobadas as emissões de gás carbônico derivadas dos processos de consumo. Na esfera global, a GFN estima a pegada ecológica em 2,7 hectares globais por pessoa, número que supera em 50% a biocapacidade do planeta disponível para cada ser humano, medida em 1,8 hectare global por pessoa. **POR JOSÉ ALBERTO GONÇALVES PEREIRA**

NOVAS MÉTRICAS

ITAÚ LANÇA IDH AMPLIADO

Numa habilidosa jogada a menos de dois meses da Rio+20, o maior banco privado do Brasil lançou no final de abril o Índice Itaú de Bem-Estar Social. O novo indicador é uma espécie de ampliação melhorada do Índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU, com foco na realidade brasileira. Enquanto o IDH é calculado a partir de três variáveis – longevidade, educação e renda per capita –, o índice do Itaú agrega outros aspectos econômicos e sociais, tais como desemprego, segurança pública, saneamento e indicadores de igualdade social.

O índice foi calculado para o período de 1992 a 2010, mostrando que o bem-estar melhorou logo depois do lançamento do Plano Real em 1994, mas permaneceu estagnado entre 1997 e 2001 devido à crise no balanço de pagamentos. Voltou a melhorar a partir de 2002, registrando bom desempenho nos três subindicadores do índice – condições econômicas e humanas e igualdade social. A partir de 2008, há uma acomodação no ritmo de crescimento econômico, mas o bem-estar continua em expansão.

A lacuna mais séria do indicador do Itaú é a dimensão ambiental. Segundo explica o economista Caio Megale, coordenador do índice, a "saturação do ambiente físico" ficou de fora da análise por falta de dados. Para Megale, incorporar dados da problemática ambiental é um desafio para as próximas edições anuais do índice. O novo indicador foi elaborado pela equipe macroeconômica do Itaú ao longo de um ano e teve a colaboração de Samuel Pessoa, sócio da Tendências Consultoria Integrada e pesquisador associado do Instituto Brasileiro de Economia da Fundação Getulio Vargas. **(JAGP)**

CERTIFICAÇÃO

SELADOS PELO SOL

Chegou ao Brasil uma certificação para produtos que tiveram a energia solar presente em sua cadeia de fabricação. Lançado em abril pelo Instituto Ideal e pela Câmara de Comercialização de Energia Elétrica (CCEE), o Selo Solar já está disponível para as empresas interessadas.

O objetivo é dar visibilidade a produtos que usam fontes de energia fotovoltaica e impulsionar o setor. O Brasil é um dos países com maior incidência de irradiação solar do mundo, mas tem apenas uma usina em operação. "Existe um potencial latente no setor de energia solar, como existia no de eólica há cinco anos. Hoje, a energia vinda dos ventos já é uma realidade e está com valores acessíveis. Apostamos que a solar está no mesmo caminho", afirma Alexandre Nunes Zucarato, gerente de inteligência da CCEE. Ele lembra que existem projetos, como o da construção de estádios com energia solar para a Copa de 2014, que podem receber o selo.

Segundo Zucarato, a certificação também impulsionará o setor, porque é fonte de recursos. "Hoje, a solar é mais cara que as outras fontes de energia, mas, se alguém está disposto a pagar esse valor, é bom recompensá-lo. E esse dinheiro acaba voltando como investimento para que o setor se desenvolva ainda mais, até que os preços da energia solar fiquem mais baixos", diz. É um ciclo virtuoso que trará a energia solar a um custo mais acessível. **POR THAÍS HERRERO**



MOBILIDADE

A FAMA DAS CALÇADAS

A condição das calçadas é um indicativo da qualidade de uma cidade. Está ligada à mobilidade, segurança e cuidado prestado por seus habitantes e governantes. Para avaliar como estão se locomovendo os pedestres de 12 capitais do País, uma equipe do portal Mobilize Brasil foi bater perna e fez um levantamento inédito, lançado no final de abril, o *Calçadas do Brasil*.

As áreas analisadas têm pelo menos 50 anos (o que garante que já passaram por reformas) e alta circulação de pedestres. Foram considerados itens como irregularidades no piso, degraus, obstáculos (como postes, telefones públicos e lixeiras), existência de rampas de acessibilidade e iluminação. Em cada item, as ruas receberam uma nota de 0 a 10.

No balanço geral, as três cidades com as melhores calçadas são Fortaleza (com média de notas de 7,6), Belo Horizonte (7,05) e Curitiba (6,83). A capital do Ceará se destacou por ter poucos degraus em seus percursos. As piores calçadas estão em Recife (4,95) e Manaus (3,6). Apesar dessas médias, as cidades mostraram grandes desigualdades no trato com os passeios públicos. Salvador, por exemplo, tem as calçadas com a pior nota (na Ladeira da Fonte, nota 0,25) e a melhor (no Calçadão da Barra, nota 10). A Avenida Faria Lima, em São Paulo, também tirou nota 10.

A conclusão também aponta para um descaso das autoridades em todas as cidades avaliadas devido a obras de concessionárias de serviços de água, gás, energia e telefonia. Após as obras, raramente as calçadas são restauradas de acordo com o padrão de qualidade original. O resultado são "cicatrizes" que desnivelam ou deixam buracos nos passeios. **(TH)**

FALA, LEITOR



HISTÓRIAS E IDEIAS DE QUEM LÊ PÁGINA22

Se você deseja participar dessa seção, escreva para leitor@pagina22.com.br e conte um pouco sobre você e seus projetos. Para se comunicar com Carla, escreva para frabetti@hotmail.com

Direto de Manaus, Keyce Jhones se apresenta como um jovem de poucos bens. Aos 21 anos, busca viver de forma equilibrada mesmo com o dia a dia corrido. O estudante de Arquitetura e Urbanismo abdicou da dieta carnívora desde os 15 anos e hoje é vegano. Também abriu mão de alguns itens tecnológicos, para diminuir seu consumo e gastos. Ao contrário da grande maioria dos mortais, Keyce, por exemplo, não tem um celular. "Escolhi um modo de vida alternativo, para ter uma vivência urbana menos intensa."

Nessa tentativa de viver a vida de forma mais simples, ele também trocou o carro por uma bicicleta. Pegou gosto pelas duas rodas e se envolveu com vários projetos ligados ao ciclismo. Um deles é o projeto Cicloturismo Manaus, que encontra e divulga pontos inusitados na cidade que podem ser percorridos de bicicleta.

Keyce também é um dos coordenadores do movimento Pedala Manaus, que promove a consciência do uso da bicicleta como meio de transporte. O grupo de jovens voluntários responsáveis pelo movimento foi motivado pela falta de estrutura na cidade. Apesar de a cidade abrigar o Polo Industrial Nacional, onde são fabricados milhões de bicicletas todos os anos, as principais vias não são seguras para os ciclistas. Ainda assim, a bicicleta é o único bem material de que Keyce diz, com firmeza, não abrir mão. **(TH)**